

Enciclopédia da Mulher (1958): *contribuições para um modelo de mulher?*

Encyclopedia of Women (1958): *contributions to a model of woman?*

Prof^á. Dr^á. Eliana Gasparini Xerri*

Resumo: O presente trabalho analisa o impresso intitulado *Enciclopédia da Mulher*, editado e publicado originalmente em Paris em 1950. A obra teve circulação no Brasil entre os anos de 1957 até 1973, sendo que o volume que constitui o *corpus* do estudo é de 1958 e foi traduzido e editado pela Editora Globo de Porto Alegre – RS, Brasil. Através da metodologia da análise do discurso (Orlandi, 1997) o objetivo é relacionar o contexto histórico da edição com a permanência de seu conteúdo. Além da apresentação da materialidade da obra, são analisados dois dos dezesseis capítulos presentes na Enciclopédia, possibilitando conhecer e refletir sobre o modelo ideal de mulher no contexto pós Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Mulher; Enciclopédia da Mulher; História; Impressos.

Abstract: This paper analyzes the printed work entitled *Encyclopedia of Women*, originally edited and published in Paris in 1950. The work circulated in Brazil between 1957 and 1973, with the volume that constitutes the corpus of the study being from 1958 and was translated and edited by Editora Globo of Porto Alegre – RS, Brazil. Through the methodology of discourse analysis (Orlandi, 1997), the objective is to relate the historical context of the edition with the permanence of its content. In addition to presenting the materiality of the work, two of the sixteen chapters present in the Encyclopedia are analyzed, making it possible to know and reflect on the ideal model of woman in the post World War Two context.

Keywords: Woman; Encyclopedia of Women; History; Printed.

* Graduada em História, Mestre em História e Doutora em Educação. Professora e Pesquisadora do curso de História e do PPGHis-UCS.

Publicada em Paris e traduzida no Brasil em 1958, a obra impressa está contextualizada entre o que denominamos de primeira e segunda onda feminista brasileira e enquadrada nos acontecimentos pós Segunda Guerra Mundial. Traduzida e publicada pela Editora Globo S.A. – Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Estados Unidos do Brasil, a *Enciclopédia da Mulher* possibilita analisar e refletir sobre sua materialidade e conteúdo em um cenário pontuado por mudanças na vida pública e privada feminina. A pesquisa é qualitativa, inserida nos pressupostos da história cultural, com a análise de discurso como metodologia.

Livros, vendedores e possíveis compradores – breve introdução.

Na estrutura hierarquizada de conhecimentos oriunda da Idade Moderna a enciclopédia constituía, junto ao currículo e a biblioteca, o tripé na classificação do conhecimento de cunho acadêmico. Para Burke,

as enciclopédias e suas categorias podem ser consideradas expressões ou incorporações de uma visão sobre o conhecimento e, de fato, uma visão do mundo (afinal, a partir da Idade Média, o mundo foi muitas vezes imaginado como um livro). Daí que é certamente significativo que as enciclopédias medievais continuassem a ser usadas no início do período moderno e tenham sido ocasionalmente reeditadas (Burke, 2003, p. 89).

A importância e o acesso ao saber enciclopédico relacionado ao período medieval e moderno se transmuta até pelo menos o século XX, obedecendo às características próprias de cada sociedade. A compreensão do que significa enciclopédia auxilia a justificar a escolha pela fonte de pesquisa deste estudo:

O termo grego *encyclopaedia*, literalmente “currículo do aprendizado”, originalmente se referia ao currículo educacional. O termo passou a ser aplicado a certos livros porque estavam organizados da mesma maneira que o sistema educacional, fosse para assistir os estudantes em instituições de ensino superior ou para oferecer um substituto para essas instituições, um curso para autodidatas (Burke, 2003, p. 89).

Depreende-se a importância de enciclopédias para a constituição de letrados, pois durante décadas as sociedades fizeram distinções entre saberes “mais e menos importantes”, conhecimentos de eruditos e de pessoas simples. Com o tempo todos os saberes passaram a ser considerados importantes; Burke (2003, p. 21) atenta para a “reabilitação’ do saber local e do conhecimento cotidiano”, entendendo que há conhecimentos no plural em todas as culturas. Mesmo assim, alguns objetos

relacionados ao conhecimento continuaram e continuam a representar saber e até mesmo poder aquisitivo, como os livros.

No contexto de publicação da *Enciclopédia da Mulher*, corpus deste estudo, era comum a venda de livros nas portas das casas. Os vendedores de livros os carregavam em caixas e pastas enquanto aguardavam o convite para adentrar às casas e oferecer a mercadoria. A perspicácia do vendedor era visível, a altivez da fala e a suposta paixão sobre os livros que apresentava, encantavam e criavam a ilusão de que aqueles homens eram grandes leitores, ricos de sabedorias, eruditos que se apresentavam com vestes sérias, normalmente trajas de alfaiataria, camisa branca, sapatos pretos.

A astúcia do vendedor se dava também pela percepção do poder econômico dos possíveis compradores. Havia situações em que o vendedor apresentava a mercadoria e ao final ouvia “Não vou comprar!” pois, entre a renda familiar e o valor dos livros, havia outras necessidades quando a casa era de pessoas economicamente menos privilegiadas. A *Enciclopédia da Mulher*, por exemplo, foi adquirida por Cr\$ 1.200,00 em 24 de junho de 1958, sendo que o salário-mínimo correspondia a aproximadamente Cr\$3.800,00; ou seja, uma parcela diminuta da população possuía condições de comprá-la.

Imagem 1 – Nota fiscal de compra da *Enciclopédia da Mulher*

MATRIZ EDITORA GLOBO S/A

Rua dos Andradas, 1420
 Telefone — 91112 (Ramal 34)
 PORTO ALEGRE - R.G.S.

FILIAIS:
 RIO DE JANEIRO
 SÃO PAULO
 CURITIBA
 BELO HORIZONTE
 SALVADOR

EDITORA GLOBO S/A
 PORTO ALEGRE

ISENTO - Circular n.º 7 de 29/3/1945 da D. R. I. -
 D. O. de 2, 6 e 23 de abril de 1945.
 Inscrito n.º 6987

NOTA FISCAL Nº 4430
 1.ª VIA

Natureza da Operação:
 VENDAS A PRAZO - DEPTO. CRÉDITO

Porto Alegre 24 de Junho de 1958
 Ilmo. (s) Sr. (s) Oaílida Bringhami,
 estabelecido (s) à Rua Col. Florina da Cunha, s.n. (Esc. Hor. Reg. José de Alenc.,)
 Bairro em S. Francisco de Paula - inscrição n.º

Pedido N.º Transportador As seguintes mercadorias

Quantidade	Veto	AUTOR E TÍTULO	Preço Unitário	VALOR TOTAL C/9
1	1	Col. " Enciclop. da Mulher"		1.200,00

AS MERCADORIAS SEQUEM NOS SEQUITES VOLUMES:

MATER	Número Quant.	E S P E C I E	Peso-Quant.	
			Bruto	Líquido
lot.	1.001	Recibo de Livros	1	Kil.

ISENÇÃO DE VENDAS E CONSIGNAÇÕES
 De acordo com a Lei Estadual 1034 de 8
 de Julho de 1950.
 NÃO VALE COMO RECIBO

Fonte: Acervo da autora.

Considerando aspectos sobre o conhecimento e a enciclopédia, bem como formas de venda e compras efetuados na década de 1950 no Rio Grande do Sul, é recomendável observar que quem adquiriu o exemplar foi uma mulher do interior, confirmando o endereçamento da obra. Na sequência será elaborado de forma sucinta sobre o contexto histórico em que foi traduzida e vendida no Brasil.

A Enciclopédia da Mulher no Brasil

O Brasil pós Segunda Guerra Mundial acompanha as transformações ocorridas no cenário global. Gomes salienta que

constitui [...] um equívoco altamente contraproducente tentar homogeneizar todo o período sob qualquer tipo de epíteto, minimizando sua diversidade e seus variados experimentos políticos, econômicos e culturais, mesmo que se reconheça, como mais uma das suas chaves de leitura, que ele foi atravessado pela busca da modernidade política e do desenvolvimento econômico. Dessa forma, nacionalismo, desenvolvimentismo e nacional-desenvolvimentismo se tornaram palavras constantes no vocabulário da época (Gomes, 2014, p. 28).

Mesmo que as “chaves de leitura” possam minimizar aspectos do período, é necessário ponderar que o cenário é marcado por debates em torno dos Direitos Humanos. Assim, o olhar sobre o gênero feminino ganha outras tonalidades políticas, sociais, econômicas e culturais. O cotidiano feminino apresenta narrativas, dramas coletivos e individuais e a perspectiva de mudanças que convivem com cenas conservadoras como as que buscam a manutenção de valores enraizados no patriarcado.

O patriarcado introduziu e reforçou práticas sociais de submissão ao patriarca, ao pai, ao homem, tendo como premissa a desvalorização das capacidades femininas. Instituiu modelos idealizados de família e contribuiu para estabelecer o que a mulher deveria desempenhar, de que forma deveria agir, bem como quais seriam os papéis e espaços a ela destinados. Conforme Lerner,

o patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2.500 anos até ser concluído. A princípio, o patriarcado apareceu como Estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que expressava e criava de modo incessante suas regras e valores. [...] Os papéis e o comportamento considerados apropriados aos sexos eram expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais. Também, e de forma mais significativa eram manifestados em metáforas primordiais, as quais se tornaram parte da construção social e do sistema explicativo (Lerner, 2019, p. 261).

A construção histórica do patriarcado estendeu raízes profundas a ponto de se fazerem presentes nos séculos XX e XXI, através de atitudes misóginas que encontraram, em publicações como a *Enciclopédia da Mulher*, instruções sobre o que se deve conhecer para ser a mulher preconizada.

Por conseguinte, o conceito de representação defendido por Pesavento (2006, p. 49) presentifica o passado sobre a mulher na obra e permite aproximar relações entre a década de sua publicação no Brasil e a atualidade. Para a historiadora, “representações são presentificações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento”.

A Enciclopédia: a representação imaginada

O uso de impressos e da imprensa como fonte e objeto de pesquisa no ensino e na pesquisa histórica tem aproximado estudos que utilizam desde livros didáticos até panfletos como fonte e objeto de pesquisa, sendo utilizados também como materiais complementares no ensino de história. Tais objetos, principalmente quando manipulados, evocam sentidos peculiares como o tato, o olfato, entre outros. Assim, a possibilidade de “conhecer” e analisar esses objetos, mesmo que no formato digital, propicia uma espécie de passagem no tempo, na qual o imaginário instiga a pesquisar e formular conhecimentos. Para Pesavento, o imaginário é

este sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas – é sempre um outro real e não o seu contrário. O mundo, tal como o vemos, apropriamo-nos e transformamos é sempre um mundo qualificado, construído socialmente pelo pensamento. Esse é o nosso “verdadeiro” mundo, mundo pelo qual vivemos, lutamos e morremos. O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima, existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade (Pesavento, 2006, p. 50).

Dessa forma, o amálgama entre o real produzido, o que está presente na *Enciclopédia da Mulher* e legitimado por um coletivo, produz imaginários tangíveis – ou não – para o modelo de mulher presente nas suas páginas. Estas referendam valores e comportamentos patriarcais, ao mesmo tempo que possibilitam transformações sobre o feminino, principalmente se considerarmos que muitas mulheres não se enquadravam naquela representação.

Com sobrecapa em papel colorido e capa dura de couro marrom, em suas 330 páginas estão distribuídos dezesseis capítulos de autorias estrangeiras com tradução para o português. A Editôra Globo de Pôrto Alegre – Rio Grande do Sul, Estados Unidos do Brasil (mantida a grafia original), é a possuidora dos direitos

exclusivos da tradução, cujo título original em francês é: *Encyclopédie De La Femme*, editada por Fernand Nathan – Paris.

Imagem 2 – Sobrecapa da *Enciclopédia da Mulher*



Fonte: Acervo da autora

A sobrecapa da *Enciclopédia da Mulher* anuncia o desejo almejado para as leitoras da época e condiz com a estética do período, bem como com os valores morais presentes na sociedade

Imagem 3- Capa Interna da *Enciclopédia da Mulher*



Fonte: Acervo da autora.

A capa com pouca ilustração apresenta sutileza e leveza, transmite seriedade e contingência como anunciador do que espera representar como modelo para a leitora mulher: discrição, seriedade e beleza sem exageros. Isso é condizente com o conteúdo interno, contrapondo o cenário feminino que buscava maior liberdade e reconhecimento próprio das ondas feministas.

Antecedendo o primeiro capítulo os editores escrevem “reunir num único volume todos os conhecimentos indispensáveis à mulher moderna, tal foi a grande preocupação dos editores desta Enciclopédia” (Nathan, 1958, p. 5). A primeira frase da apresentação da obra a significa dentro do pressuposto do iluminismo quando os enciclopedistas reuniram conhecimentos produzidos. Ou seja, a *Enciclopédia da Mulher*, mesmo que em um único volume, reúne o “indispensável” conhecimento para que a “vida do lar, do qual a mulher é a animadora incontestável” (Nathan, 1958, p. 5), tenha na mulher em seu espaço doméstico, e, para aquelas que exercem trabalhos fora do lar, se sintam bem preparadas.

Na sequência os editores afirmam “é o lar, sem dúvida, o mais importante campo de atividade feminina, e nada haverá nele que não sofra o influxo direto daquela que está destinada, pela própria natureza, a ser sua rainha” (Nathan, 1958, p. 6). Se a criação da enciclopédia remete ao século XVIII e às ideias iluministas, a “rainha do lar” reafirma preceitos do positivismo, tão influente na constituição da república brasileira.

Na obra em análise o conteúdo é conservador em suas ideias e no propósito de moldar a mulher das primeiras décadas da segunda metade do século XX. Conforme contribui Ferreira,

mesmo havendo diferenças fundamentais entre a mulher europeia e a americana (em especial a brasileira), ou seja, nos contextos vividos por elas (culturais, sociais, econômicos, climáticos), a importação desse tipo de material tinha como finalidade representar um padrão de mulher e de feminilidade bem definido – um modelo que prezava a figura feminina branca, heterossexual, de classe média ou alta, predisposta ao casamento, aos filhos e à vida no lar (Ferreira, 2019, p. 23).

Assim como algumas revistas destinadas às mulheres atualmente, com preços elevados e materialidade distinta ao papel jornal, a *Enciclopédia da Mulher* tinha como endereçamento leitoras preferencialmente das classes economicamente favorecidas, brancas, letradas e que seguissem os ditames da sociedade conservadora.

Editada por Fernand Nathan, em Paris, França e impressa em 1950, a *Enciclopédia da Mulher* apresenta capítulos, na sua maioria escritos por mulheres e traduzidos para o português também por maioria feminina.

Tabela 1 – Capítulos da *Enciclopédia da Mulher*

Título	Autor(a)	Tradutor(a)	Observações
A MULHER E A BELEZA	Georges Le Cerf	Elsa Lima Ribeiro	
A ELEGÂNCIA E A MODA	Hélène des Cognets	Maluh de Ouro Preto	
TECIDOS E PELES	Hélène des Cognets	Amélia Vallandro	
TRABALHOS MANUAIS	Hélène des Cognets	Amélia Vallandro	
A CASA			Colaboração especial da Arquiteta Lina Bo Bardi
A CONSERVAÇÃO DA CASA E OS TRABALHOS DOMÉSTICOS	Christiane Cossus	Amélia Vallandro	Autora é professora de Arte doméstica e Assistente Social
A COZINHA PRÁTICA E A ARTE CULINÁRIA	Germaine Weinstock-Noël	Perpétua M. A. de Lemos	Autora é redatora chefe de “Bonheur à la Maison”
A MÃE E A CRIANÇA	Dra. Monsarrat	Dra. Stella Sylvia Lima	
A MULHER E A VIDA SOCIAL	Yvonne Netter	Amélia Vallandro	Autora é Bacharel em Direito, Advogada no Fôro de Paris
A MULHER E SEUS DIREITOS	Yvonne Netter	Fernando Álvarez	Tradutor é laureado em Direito, fez tradução e adaptação à jurisprudência brasileira
HORAS DE FOLGA	Suzanne Herbinière-Lebert e Simone Lacroix	Maria Eugênia Celso	Suzanne é inspetora-geral dos Jardins da Infância e Simone é adida à divisão das bibliotecas do Ministério da Educação Nacional
A SOCIEDADE E SEUS COSTUMES	Dominique De Renoncourt	Maluh De Ouro Preto	
A MULHER E O ESPORTE	Ghislaine Juramie	Maluh De Ouro Preto	Autora é secretária-Geral de “ <i>Une Semaine à Paris</i> ”

A MULHER NA HISTÓRIA	G.M. Tracy	Elsie Lessa
A MULHER BRASILEIRA NA ARTE MULHERES DA HISTÓRIA LATINO-AMERICANA POETISAS E PROSADORAS LATINO-AMERICANAS	Maria Eugênia Celso	Colaboradora especial
A MULHER E A ARTE	Ghislaine Juramic	Maria Eugênia Celso

Fonte: Enciclopédia da Mulher.

A leitura dos capítulos possibilita análise sobre quem os escreveu, quem fez a tradução e a adequação à realidade brasileira. Um exemplo disso pode ser observado quando entre os livros indicados em “Horas de Folga” são recomendadas no subtítulo “Leituras Femininas” obras de Érico Veríssimo: *O Tempo e O Vento* e *A vida de Joana D’arc*; de Lima Barreto: *Histórias e Sonhos*; de autoria de Eça de Queirós: *Os Maias*; e de Machado de Assis: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Na lista são sugeridas obras de autoras como Rosalina Coelho Lisboa, Charlotte Brontë e Rosamond Lehmann. A disponibilidade de autores nacionais e de autoras atenta ao fato de que se faz necessário aproximar as leitoras do contexto brasileiro, bem como apresentar autoras – uma vez que a obra é destinada primordialmente às mulheres.

Com a pretensão de analisar o conteúdo da *Enciclopédia da Mulher*, são apresentados dois capítulos: *A Mulher e a Beleza* e *A Mulher e a Vida Social*.

O que há, são mulheres ignorantes ou desajeitadas

A frase, presente no capítulo *A Mulher e a Beleza* sinaliza que as mulheres devem dedicar tempo para se manterem e permanecerem belas; só as ignorantes não o fazem, pois:

para as que trabalham e devem manter-se ativas durante a maior parte do tempo possível, é indispensável proteger uma juventude frágil, conservar um rosto atraente. Para as que ficam em casa e cuja missão é assegurar a felicidade dos que a cercam, para as que se inclinam sobre um berço, é um dever encarar a mais bela imagem da mulher, no seu mais nobre papel (Le Cerf, 1958, p. 9).

A expressão “é dever” impõe valores culturais externos que se estenderam sobre o Brasil desde o momento da colonização europeia que, muitas vezes de forma violenta, forçou sua concepção de mundo. Sobre as mulheres, ainda no século XX a imposição de valores é refletida na ordem de que mesmo cansada deve manter a faceirice, termo repetidamente presente no impresso. Para que os cuidados sejam alcançados, há uma imagem explicativa sobre as proporções perfeitas do corpo da mulher moderna.

Tais medidas apontam que o contorno do pescoço deve ser de 34,2 cm; do busto 87cm; contorno do braço 28,3 cm; a cintura deve ter 68,5 cm; o quadril 91 cm; a barriga da perna 34,2 cm e o contorno da coxa 50,3 cm. As proporções desconsideram as características de uma sociedade pautada pela miscigenação, bem como pelas características regionais. Ao contrário, apresentam um ideal de corpo conforme peso e altura em um quadro: uma mulher com 1,50m deveria ter peso de 51 kg, 78 cm de busto, 82 cm de quadril, 60 cm de cintura, o contorno do braço de 25 cm, o contorno das coxas, 45 cm, contorno do pescoço e/ou da barriga da perna de 31 cm. A tabela de medidas atinge de forma gradual até mulheres com 1,80m.

O capítulo acrescenta informações sobre o “A.B.C da Faceirice”, que inclui o asseio – “toda mulher desejosa de agradar deve ser escrupulosamente limpa” (Le Cerf, 1958, p. 12); ou seja, o asseio não como uma necessidade pessoal mas para “agradar”. Dessa forma, outra função feminina é agradar e para tal deve cuidar de sua higiene. Se for capaz de “agradar”, será uma esposa feliz. Essa percepção está presente em todos os capítulos, pois mesmo quando menciona a jovem mulher, a escrita é dirigida a ensiná-la a se vestir e se comportar, pois somente assim agradará e se agradar será faceira, sempre alegre e destinada ao casamento.

Com explicações sobre o tratamento da pele, como fazer maquiagem, atividades físicas, emagrecimento, desintoxicação corporal, massagem e demais dicas sobre banhos, o capítulo encerra da seguinte forma:

Se quiser ser bela, seja boa, sinceramente amável e indulgente. Fuja do pessimismo; mostre-se simples e alegre; sua riqueza interior será visível; ela cria em torno de você uma corrente magnética. A simpatia, a estima, o amor verdadeiro e duradouro dirigem-se àquelas que sabem prestar atenção e compreender, às que não pensam unicamente a seu “importante pessoinha”, às que sabem dar: essas receberão mais e melhor do que as outras (Le Cerf, 1958, p. 34).

Da página 9 até a 35 são incentivadas a ser e permanecer belas para agradar, ignorando seus desejos, suas necessidades e devendo manter a alegria. Ferreira conclui que

ser quista, caber em roupas e padrões era o “normal” a ser feito. Na conclusão, entretanto, emergia a tentativa de “não agradar” e de ser a mulher ela mesma, porém dentro de um modelo que era vívido, alegre e sorridente, justamente para agradar – independentemente de ser ou não bela de fato, valorizando seus pontos positivos. Um discurso confuso. Próprio, talvez, do movimento histórico ambíguo vivenciado na época (Ferreira, 2019, p. 114).

O capítulo instrui a mulher moderna através da beleza que deve ser permanente para conseguir casar e manter o casamento. Os cuidados com ela se estendem à família, à casa e aos comportamentos em ambientes privados e públicos nas diversas etapas da vida da mulher, desde a juventude até o cuidado com a mulher idosa. Portanto, a perspectiva é a de que a mulher é a grande responsável pela harmonia do lar e, em consequência, da sociedade. Dessa forma, o capítulo *A Mulher e a Vida Social* transmite conhecimentos relacionados ao espaço público e como deve agir.

Aperfeiçoar para tornar-se graciosa e agradável

O objetivo do capítulo é apresentar a vocação, função e as atividades femininas; para isso trata desde a jovem dentro da família até a responsabilidade da mulher frente à Pátria. Da página 221 até 225, a vida social da mulher é subdividida em itens: a jovem na família; a jovem no trabalho; a jovem na sociedade; moça solteira; noiva; o casamento; vida conjugal; o jardim secreto da mulher; administração do lar; mãe e filhos; rupturas dos laços conjugais; mulher idosa na família; e a mulher e a pátria.

Para a “jovem na família”, “é necessário que a jovem se preocupe com tudo que concerne ao arranjo da casa, à administração do lar e à cozinha” (Netter, 1958, p. 221). Também deve ser alegre, pois

com esforço e boa vontade, ela conseguirá manter uma atmosfera agradável em sua família. Que a jovem de hoje não esqueça que tudo se pode conseguir com um sorriso e que mesmo as mais graves complicações familiares não resistem à boa vontade de fazer o bem e apaziguar contendas. Resista ao desejo de tomar partido por este ou aquele, nem entre em conflitos por mais leves que sejam (Netter, 1958, p. 221).

O aconselhamento é que as jovens e depois as esposas tenham alegria constante expressa em sorrisos, se mantenham submissas e caladas, interpretando que é da natureza feminina servir e agradar. O pressuposto encontra no subtítulo *A vida conjugal* a insistência da faceirice:

É na vida conjugal que começa a existência da moça como mulher. A felicidade do lar constitui o único alvo para o qual ela deve dirigir todos os seus esforços. Como conseguir a alegria de viver? Simplesmente procurando em si mesma todas as possibilidades de compreensão. Todas as concessões deverão ser feitas pela jovem esposa, que por sua vez deverá interditar-se o amor-próprio, o orgulho, a dignidade ofendida, suscetibilidades e rancores; ela deverá evitar discussões e rixas, procurando sempre o que é justo (Netter, 1958, p. 223).

Negar seus sentimentos e angústias para manter o lar feliz abraça postulados morais e religiosos da época. Bassanezi contextualiza que

na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional (Bassanezi, 1997, p. 608, grifo original).

Nas demais partes do capítulo, as orientações direcionam ao modelo de mulher que cumpre suas obrigações, as quais a levam a se desinteressar por si, a não ser nos cuidados expostos no primeiro capítulo sobre beleza. O ideal de mulher convencional é a que devota sua vida ao marido, aos filhos e, antes do casamento, aos homens da família – pai e irmãos.

Objetivando atualizar a Enciclopédia à sociedade brasileira da época, o último item do capítulo apresenta que a mulher deve exercer sua obrigação com a pátria. Nele, afirma-se que “quem não vota é alheio ao país. Não há obrigação de tomar parte ativa na política, mas é preciso, indiscutivelmente, tomar parte em todas as eleições e procurar a solução mais favorável para o bem-estar de todos” (Netter, 1958, p. 225).

Os espaços públicos são apresentados como lugares onde as mulheres devem se comportar de forma a agradar mais do que exercer suas ações, visto que a política não precisa ser exercida pelas mulheres, mas elas passam a ter a obrigação de votar para contribuir com a pátria.

O subtítulo *A Responsabilidade da Mulher Perante a Pátria* é o mais breve no capítulo, com 12 linhas ao final da segunda coluna cuja largura é de 10 cm. A verificação do tamanho e posição demonstra o dever da mulher, sem apresentar direitos e considerando que a política enquanto representação partidária e do Estado, não precisa da ação feminina, apenas de seu voto.

Considerações Finais

A história das mulheres, nas mais variadas culturas e períodos históricos, tem sido escrita e analisada sob os mais diversos formatos. Quanto maior a diversidade e a amplitude do conhecimento produzido sobre o tema, maiores serão os direitos e o respeito às mulheres.

Assim, ao propor a análise parcial da *Enciclopédia da Mulher* (1958) não concluo, pois muitas são as dúvidas e um questionamento profundo surge: por que ainda permanecem valores e moralidades que negligenciam, omitem, não ouvem e apagam a história das mulheres?

Uma resposta possível é a leitura atenta da obra que em suas páginas reforça ideias europeizadas sobre a mulher e que são, em algumas circunstâncias, aproximadas da realidade brasileira da época em que a modernidade e o desenvolvimentismo brasileiro atentavam ao modelo externo.

Ao apresentar o valor de aquisição do volume em 1958 e comparar com o salário-mínimo, ficou patente que a obra era voltada ao público de classe média e da elite. Da mesma forma que o custo financeiro, a materialidade a endereça para grupos de leitores específicos que não corresponde à maioria feminina – operárias, camponesas, pobres, analfabetas – uma vez que, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o analfabetismo chegava a 60,4% da população na década de 1960.

Suscitar questionamentos através da leitura e análise do discurso possibilitou a assertiva de que em capítulos como os escolhidos sobre *A Mulher e a Beleza* e *A Mulher e a Vida Social*, foi possível observar que tanto no privado como em espaços públicos era importante manter a mulher sob os jugos patriarcais, desqualificando suas capacidades e restringindo-a a servir com alegria. Considerar suas angústias e desejos era visto como egoísmo que não constituía o modelo ideal de mulher, mesmo que em um contexto de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais. Infelizmente, coletivos sociais brasileiros atuais continuam defendendo a manutenção de conhecimentos como os reproduzidos na *Enciclopédia da Mulher*.

Referências

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL Priore, Mary e BASSANEZI, Carla (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento De Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

FERREIRA, Bruna Batista. *Gênero e memória: as representações do feminino na Enciclopédia da Mulher (1950-1970)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2019.

GOMES, Angela de Castro. As Marcas do Período. In: SCHWARCZ, Lilia M. (dir) *História do Brasil Nação: 1808-2010. Olhando para dentro, v. 4 1930-1964*. Rio de Janeiro: Objetiva e Fundación Mapfre, 2014.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

NATHAN, Fernand. *Enciclopédia da Mulher*. Porto Alegre: Editora Globo, 1958.

ORLANDI, Eni. P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24; 2006.